



# Lorescer da Arte Xakriabá.



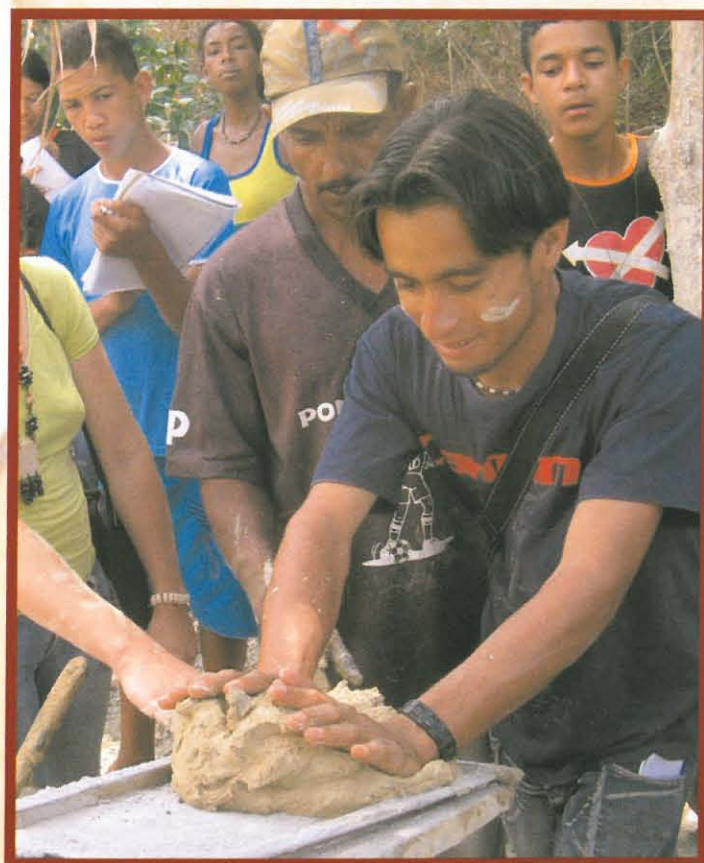


Muitos tinham o conhecimento, mas poucos estavam desenvolvendo e fazendo adereços, peças de cerâmica, entre outras coisas que eram feitas para o uso próprio e para atender às necessidades locais.

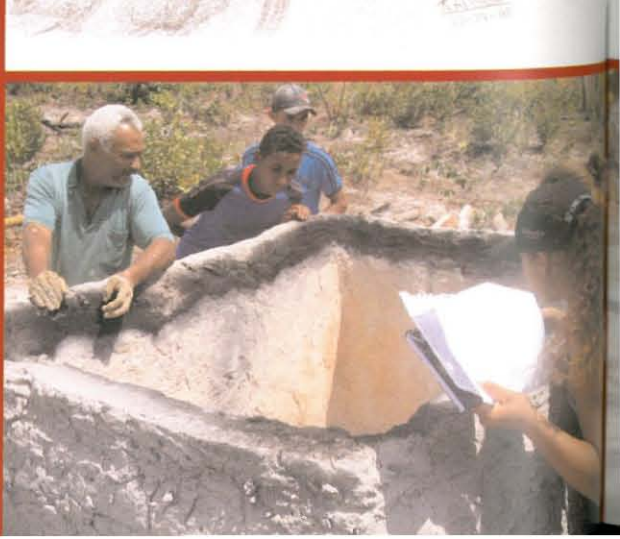
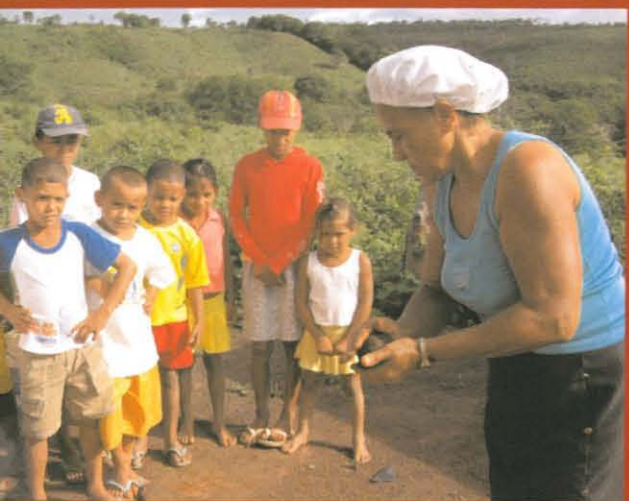
Vendo os jovens cada vez mais valorizando as coisas vindas de fora, coisas dos não índios, os artesãos Xakriabá estavam muito desanimados para desenvolver suas artes.

A implantação da educação indígena diferenciada de Minas Gerais, a partir de 1996, com a intensa participação dos mais velhos, tanto das etnias de Minas quanto de outras etnias do Brasil, e palestras que muito conscientizaram todos os participantes, e, certamente, o contato com outros povos, fez com que todos voltassem a refletir sobre a cultura.

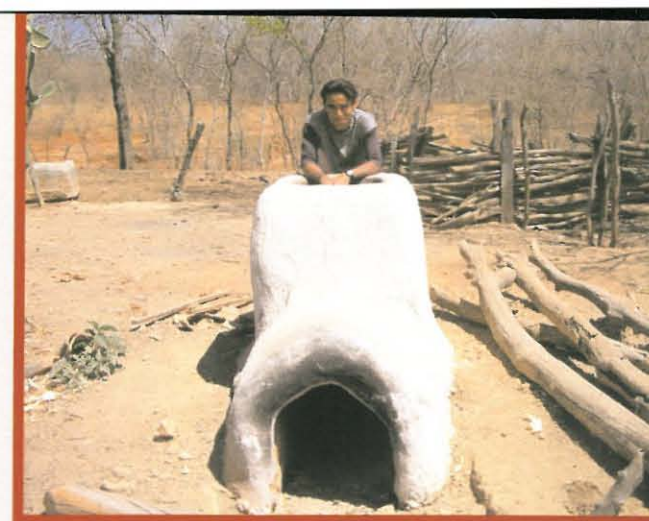
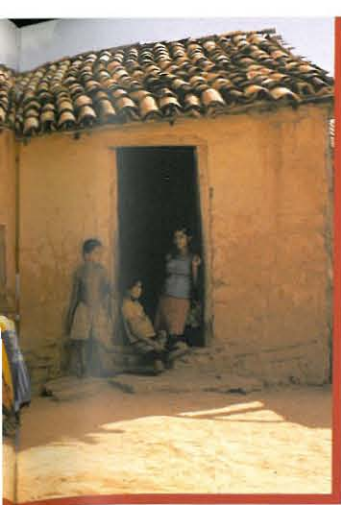
Hoje a pintura, as danças, as músicas e não só os usos de adereços, mas também a produção, estão muito fortes no dia a dia dos Xakriabá. Estamos trabalhando intensamente com o objetivo de divulgar essa arte, através das pesquisas de cada estudante, em grupo ou individual. Isso está se desenvolvendo com o percurso acadêmico da formação intercultural para educadores indígenas.











### Casa de Cultura Xakriabá

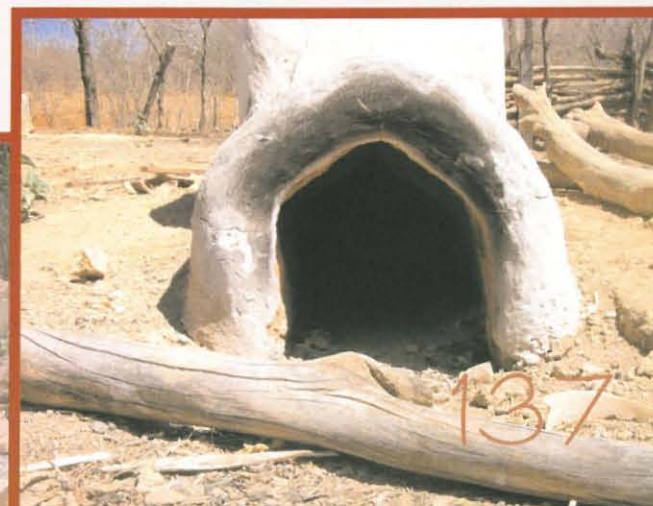
Temos alguns projetos ligados à cultura, dos quais destacamos a Casa de Cultura financiada pela ISCOS, que está sendo feita em uma das comunidades Xakriabá e cujos objetivos são: incentivar a produção e aperfeiçoamento do artesanato, desenvolvendo novas técnicas a partir dos conhecimentos Xakriabá, sem perder seu próprio estilo; gerar renda e servir como mecanismo de fortalecimento e valorização da cultura; e ser um espaço de transmissão do conhecimento.

Outro projeto é o das "Mini-casas de Cultura", que visa também o incentivo da produção do artesanato. Esse projeto, aprovado recentemente pelo Fundo Estadual de Cultura - MG, será implantado em aldeias-polo, graças às reivindicações de muitas lideranças, para facilitar o acesso dos artesãos que moram distantes da Casa de Cultura.

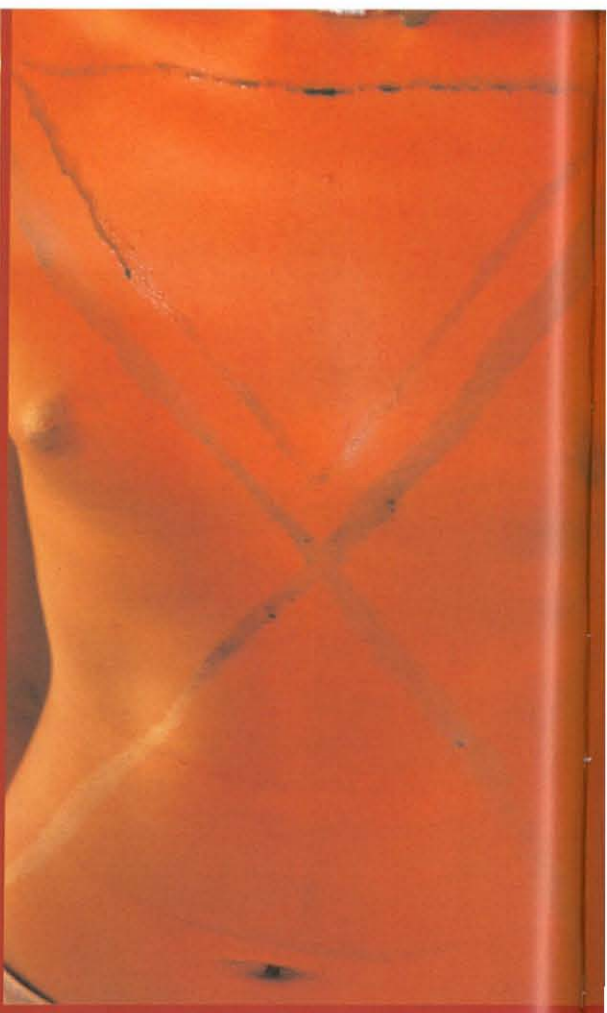
No ano de 2005 foi realizada, pelo professor Rogério Godoy, uma oficina de cerâmica com alguns artesãos Xakriabá, com a participação de muitas crianças, jovens e velhos. O professor trabalhou várias técnicas de modelagem para aperfeiçoar o trabalho que alguns ceramistas já vêm desenvolvendo. Ele também chamou a atenção dos artesãos para desenvolverem seu estilo próprio, como uma marca do povo nessa oficina. Houve a construção de um forno para a queima das peças produzidas e uma boa orientação de como fazer uma queima sem perder muitas peças.

Essa oficina despertou em outras pessoas o interesse pela produção de cerâmica e hoje tem muita gente produzindo e comercializando as peças.

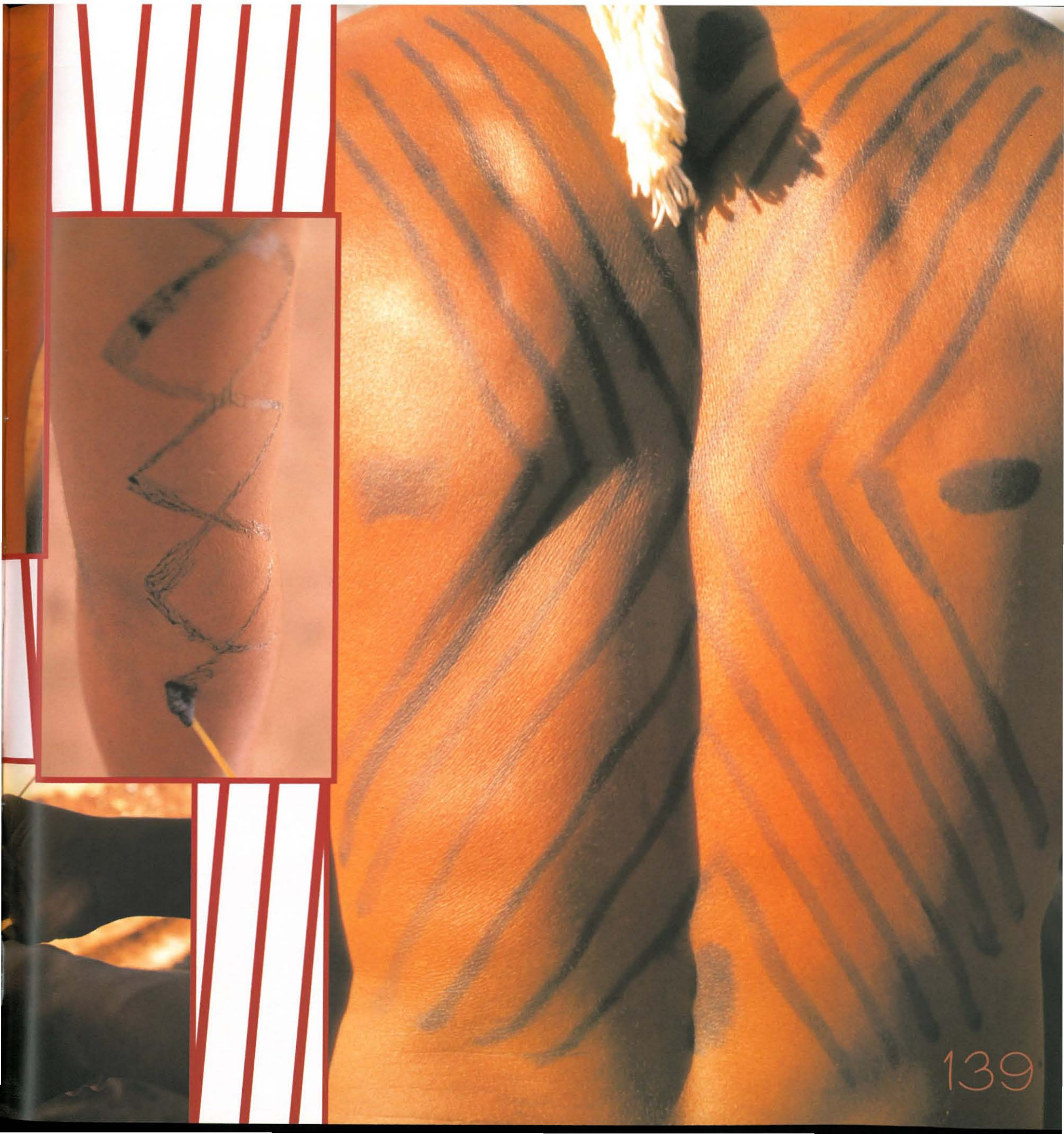
*Marcelo Correa*  
Graduando no FIEI/UFMG





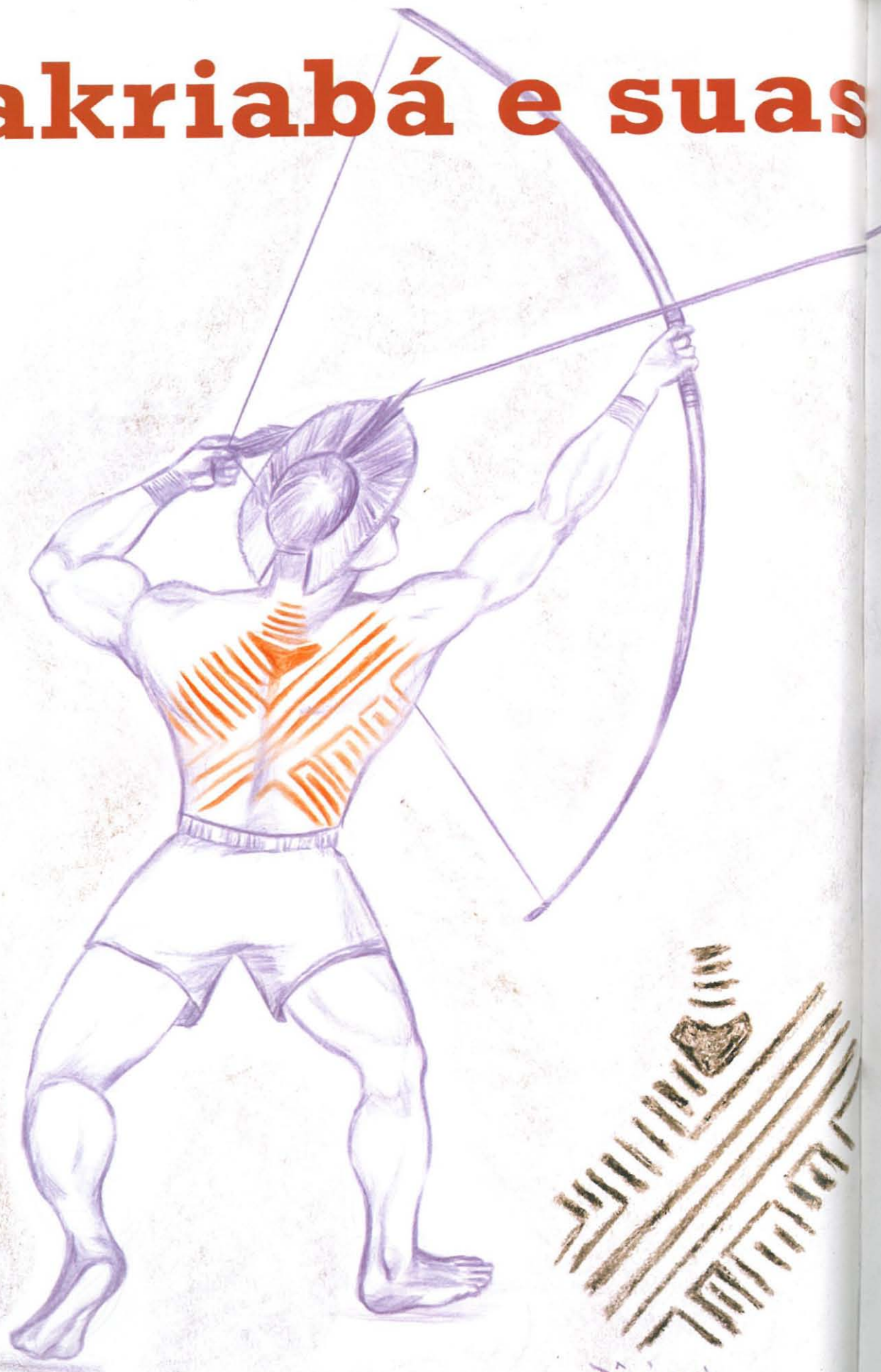




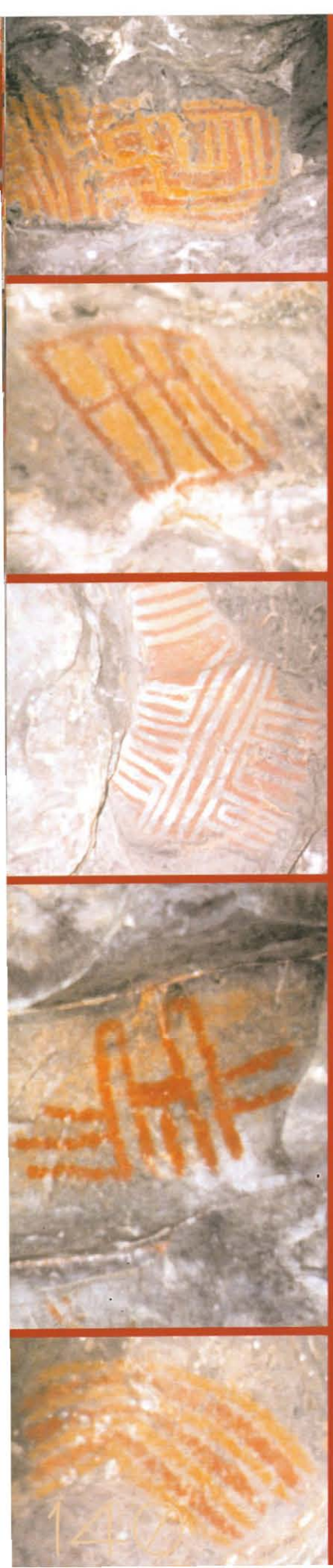




# Xakriabá e suas



XAKRISON



124/2



# s pinturas corporais

Nós, Xakriabá, somos um povo com muita diversidade em termos de cultura, pois sofremos muita repressão. Sofremos muito com a invasão dos brancos, como a maioria dos povos indígenas do Brasil. Por esse motivo, vivemos hoje em uma cultura própria e alguns costumes inseridos. O que chamo de próprios são os costumes que ainda mantemos intactos, mesmo depois de tanta repressão, com muita luta e resistência, e incentivo do próprio povo; e o que chamo de inseridos são alguns costumes praticados pelos brancos, hábitos que fazem parte da cultura não indígena que, com o contato e entre conflitos, fomos obrigados a adotar e praticar. E, com o passar dos anos, o povo se acostumou, as crianças aprenderam, por isso praticamos até hoje.

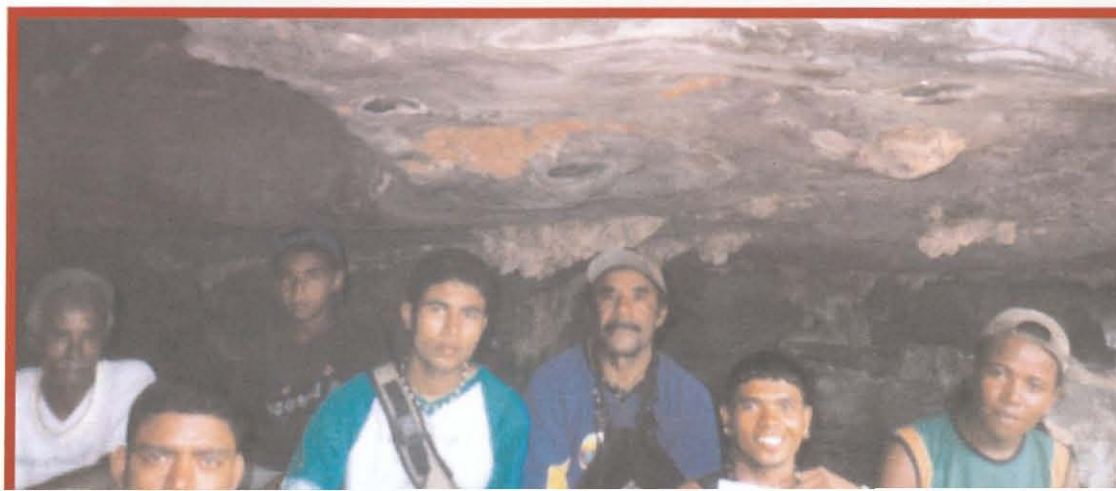
Nosso povo viveu em três tempos: antes do contato, o contato e depois dele. O que temos de antes do contato aprendemos ouvindo histórias e através dos rituais sagrados - era um tempo de riqueza cultural, de fartura, em que vivíamos felizes em harmonia com a natureza. O que precisávamos pedíamos a ela e ela nos dava, sem pedir nada em troca. Nós éramos da natureza e a natureza era nossa casa.

O segundo tempo foi a chegada dos europeus, a invasão, a destruição da natureza e, com ela, a destruição de quase todos os povos

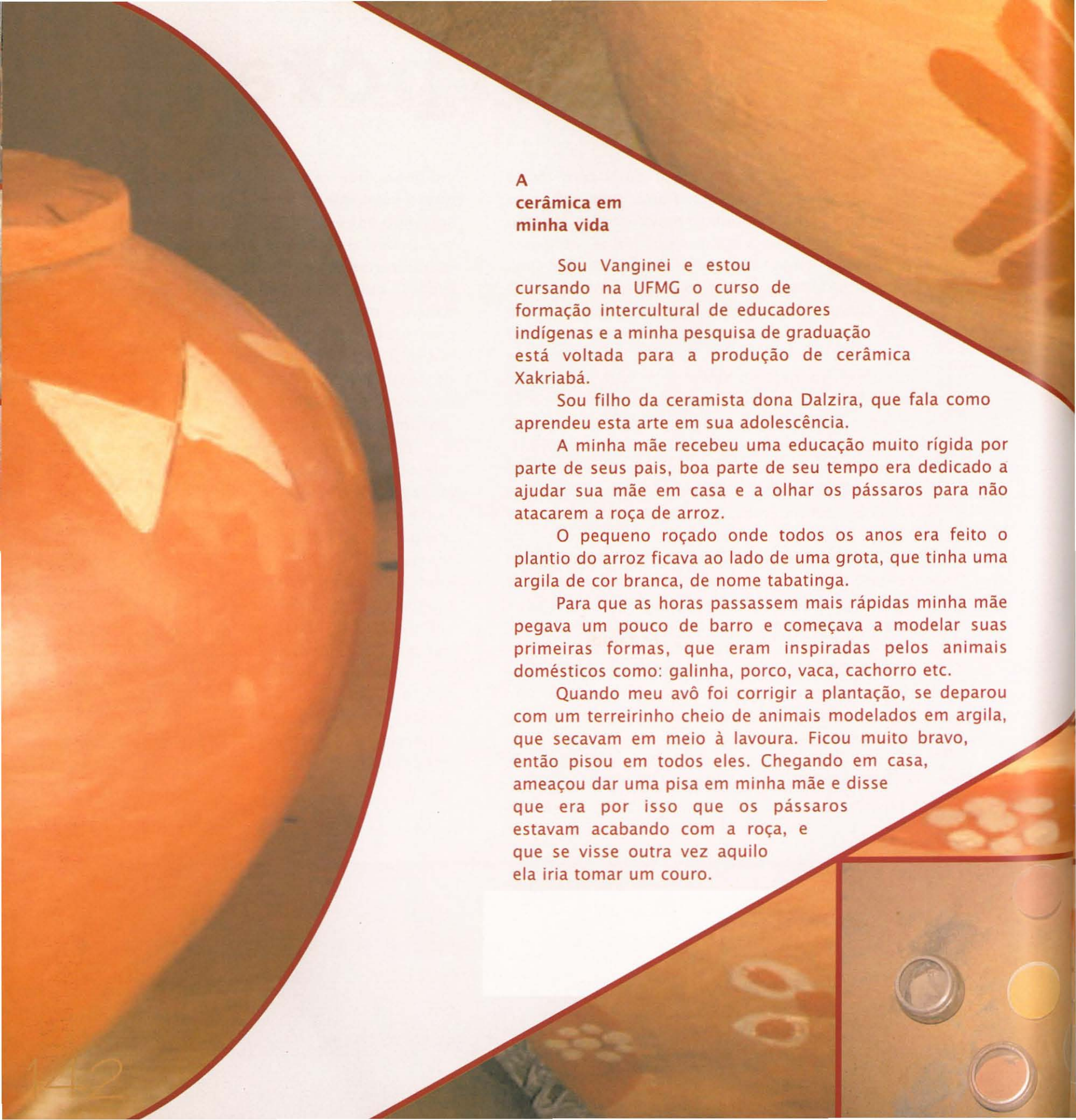
indígenas que residiam nessa terra. O pouco do nosso povo que resistiu a essa invasão continuou sofrendo anos e séculos depois com a invasão do seu pouco território pelos fazendeiros, que nos escravizaram e nos obrigaram a deixar de praticar a nossa cultura, de falar nossa língua, de cantar, dançar e praticar nossos rituais, de nos pintarmos com urucum e jenipapo, de mostrar e guardar, nos grafismos traçados em nosso corpo, a história de nosso povo, de uma caçada, de uma pescaria, de uma festa, enfim, de tudo aquilo que era de costume fazer no dia a dia.

E o terceiro tempo é o que vivemos hoje, em que usamos e praticamos o que nos restou dos antepassados, o que ainda prevaleceu depois de tanta luta, e outros costumes que fomos obrigados a aprender e praticar, durante as repressões dos não índios e os que nós mesmos, com o passar dos anos, fomos criando e moldando. São o que ouvimos ou vemos alguns velhos falando ou praticando, como músicas, danças, brincadeiras ou pinturas que aprenderam com seu avô, que este avô aprendeu com outro avô, que aprendeu com seu bisavô, e assim por diante. Por isso, acreditamos que isso seja um conhecimento guardado e repassado de geração em geração no decorrer dos tempos.

*Rânison Xacriabá*  
Graduando no FIEI/UFMG







## A cerâmica em minha vida

Sou Vanginei e estou cursando na UFMG o curso de formação intercultural de educadores indígenas e a minha pesquisa de graduação está voltada para a produção de cerâmica Xakriabá.

Sou filho da ceramista dona Dalzira, que fala como aprendeu esta arte em sua adolescência.


A minha mãe recebeu uma educação muito rígida por parte de seus pais, boa parte de seu tempo era dedicado a ajudar sua mãe em casa e a olhar os pássaros para não atacarem a roça de arroz.

O pequeno roçado onde todos os anos era feito o plantio do arroz ficava ao lado de uma gruta, que tinha uma argila de cor branca, de nome tabatinga.

Para que as horas passassem mais rápidas minha mãe pegava um pouco de barro e começava a modelar suas primeiras formas, que eram inspiradas pelos animais domésticos como: galinha, porco, vaca, cachorro etc.

Quando meu avô foi corrigir a plantação, se deparou com um terreirinho cheio de animais modelados em argila, que secavam em meio à lavoura. Ficou muito bravo, então pisou em todos eles. Chegando em casa, ameaçou dar uma pisa em minha mãe e disse que era por isso que os pássaros estavam acabando com a roça, e que se visse outra vez aquilo ela iria tomar um couro.





A partir daí  
minha mãe sempre  
modelava suas peças em  
casa. Imaginava algo e modelava  
o que pensava. Ia desenvolvendo  
vários modelos de adereços, mas não  
queimava porque não tinha forno.

Assim, brincando, ela foi desenvolvendo  
técnicas de modelagem e aperfeiçoando sua produção.

Hoje minha mãe é professora de cultura e já participou  
de várias oficinas de cerâmica, uma delas desenvolvida pelo  
professor Rogério Godoy (UFSJ), que já havia desenvolvido  
pesquisas sobre cerâmica Xakriabá para caracterizar os  
tipos de argilas existentes nessa terra indígena, e despertou  
o interesse em outras pessoas pela produção de cerâmica.  
Ela também está produzindo várias peças para o próprio uso  
e também para comercializar.

Comecei a me interessar pela cerâmica observando a  
minha mãe produzindo suas peças e também pela  
necessidade de trabalhar, nas escolas Xakriabá, a disciplina  
de arte. Minha mãe foi minha primeira professora. Gosto de  
modelar a argila e já consigo fazer algumas peças. Estou  
muito interessado nessa produção. Já participei de algumas  
oficinas e continuo pesquisando, mais profundamente,  
a cerâmica Xakriabá com os mais velhos, para  
melhorar e divulgar a produção que, até  
então, estava um pouco adormecida.

Penso também, no futuro, em  
implantar uma disciplina de  
cerâmica Xakriabá em  
nossas escolas.

*Vanginei Xacriabá*  
Graduando no FIEI/UFMG



